

Artigos Originais

Didática do ensino superior: diálogos com a Educação Física

Teaching of university education: dialogues with Physical Education

Docencia en educación superior: diálogos con la Educación Física



Zenólia C. Campos Figueiredo

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

E-mail: zenoliavix@gmail.com



José Francisco Silva Sampaio

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

E-mail: jfssampaio.efe@gmail.com



Virginia Miranda Pereira

Prefeitura Municipal de Vila Velha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

E-mail: virginmirax@gmail.com



Francisco Eduardo Caparróz

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

E-mail: caparroz.vix@gmail.com

Resumo: Trata de evidenciar a Didática do Ensino Superior em diálogos com a formação de professores/as de Educação Física. Traz reflexões sobre o conceito de Didática crítica em construção no contexto de uma disciplina optativa ofertada por um Programa de Pós-Graduação em Educação Física, no ano de 2024. Por meio do trabalho mediado pela docente e das percepções dos onze discentes, em particular, três orientandos da professora que estiveram matriculados, buscou-se por meio da abordagem biográfico-narrativa problematizar os processos de aprendizagem e ensino na educação superior, tendo como referência a perspectiva da Didática crítica e seus fundamentos teórico-didáticos e interface com os pressupostos da formação universitária em Educação Física.

Palavras-chave: Didática. Educação Física; Formação de Professores; Ensino Superior.

Abstract: It tries to highlight the teaching of university education in dialogues with the formation of Physical Education teachers. It brings reflections on the concept of Critical Didactics under construction in the context of an optional subject offered by a Postgraduate Program in Physical Education, in the year 2024. Through the work mediated by the teacher and the perceptions of the eleven students, in particular, three of the teacher's students who were enrolled, we sought through the biographical-narrative approach, problematize the learning and teaching processes in higher education, having as reference the perspective of Critical Didactics and its theoretical-didactic foundations and interface with the assumptions of university formation in Physical Education.

Keywords: Didactics. Physical Education; Teacher Formation; Higher Education.

Resumen: Tiene como objetivo resaltar la Didáctica de la educación superior en diálogos con la formación de profesores de Educación Física. Trae reflexiones sobre el concepto de Didáctica Crítica en construcción en el contexto de una asignatura optativa que ofrece un Programa de Posgrado en Educación Física, en el año 2024. A través del trabajo mediado por la docente y las percepciones de los once estudiantes, en particular, tres de los alumnos de la docente que estaban matriculados, buscamos, a través del enfoque biográfico-narrativo, problematizar los procesos de aprendizaje y enseñanza en la educación superior, tomando como un referente de la perspectiva de la Didáctica crítica y sus fundamentos teórico-didácticos y de interfaz con los presupuestos de la formación universitaria en Educación Física.

Palabras clave: Didáctica. Educación Física; Formación de Profesores; Enseñanza Superior.

Submetido em: 27/01/2025

Aceito em: 21/08/2025

1 Introdução

O título deste artigo corresponde intencionalmente à disciplina que tomamos como objeto de estudo, com o intuito de evidenciar a Didática no Ensino Superior (ES) em seus desdobramentos, diálogos e contribuições para a formação de professores de Educação Física (EF).

Nas últimas décadas, os campos da Didática e da EF brasileira avançaram na produção de conhecimentos. Contudo, persiste uma lacuna entre essa produção, frequentemente crítica, e as práticas pedagógicas desenvolvidas no ES. Esse descompasso decorre de fatores como a cultura de reprodução epistemológica das áreas acadêmicas, a legislação que permite docentes sem formação específica e a prioridade à pesquisa em detrimento do ensino no ES (Anastasiou, 2011; Cunha, 2006, 2008, 2010; Pimenta; Anastasiou, 2002; Soares; Cunha, 2010; Nascimento; Figueiredo, 2023).

Diante desse cenário, consideramos importante compreender o lugar e o papel da Didática na formação de docentes que atuam ou pretendem atuar no ES, especialmente considerando que as concepções e práticas comuns de sala de aula ainda são amplamente influenciadas por uma perspectiva tradicional, lê-se instrumental, de Didática.

Como contraponto a essa abordagem tradicional e adotando uma perspectiva ampla de Didática, defendemos a necessidade de transformações na prática pedagógica, com base na ressignificação dos saberes pedagógicos que constituem, prioritariamente, a profissão docente. Esses saberes, ao serem problematizados pelo campo da Didática, evidenciam sua interdependência com o campo do Currículo, reforçando a compreensão de que ambos são complementares e indispensáveis para a formação docente.

Desse modo, buscamos refletir sobre o conceito de Didática Crítica tendo por base uma experiência pedagógica vivenciada no âmbito da disciplina optativa “Didática do Ensino Superior: diálogos com a Educação Física”, oferecida no primeiro semestre de 2024, por um Programa de Pós-Graduação em EF. A disciplina foi construída

em colaboração entre a docente responsável e estudantes em doutoramento, promovendo discussões conceituais e práticas ancoradas na Didática Crítica Multidimensional Emancipatória (DCME).

Embora os debates tenham sido explorados de forma dialética com todos os doutorandos ao longo dos dezesseis encontros da disciplina, neste artigo narramos os aspectos centrais que fundamentaram as experiências de aprendizagem de três doutorandos, também orientandos da docente responsável pela disciplina.

Assim, o artigo organiza-se em quatro partes principais, além desta introdução. Inicialmente, descrevemos o planejamento e o desenvolvimento da disciplina¹, construídos em colaboração com os onze doutorandos/as participantes. Em seguida, discutimos o referencial teórico-metodológico que fundamenta nossas reflexões. Posteriormente, apresentamos as experiências de aprendizagem vividas na disciplina. Por fim, trazemos as considerações finais.

2 A construção da disciplina: o ponto de partida para a organização e o planejamento

A disciplina optativa “Didática do Ensino Superior: diálogos com a Educação Física” foi planejada como uma continuidade à disciplina obrigatória “Docência no Ensino Superior”, ambas com carga horária de 60 horas por semestre. Enquanto a disciplina obrigatória priorizou a análise do ES brasileiro sob o prisma de políticas de desenvolvimento contemporâneo e da qualificação da docência na formação de professores de EF, a optativa centrou-se no processo de ensino e aprendizagem no ES, explorando a Pedagogia universitária em relação à EF, as relações professor-aluno-conhecimento, o planejamento de ensino e metodologias.

No primeiro encontro, realizado em 19 de março de 2024, promovemos uma discussão tendo por base questionamentos

¹ Com carga horária semestral de 60 horas, sendo quatro horas semanais.

de autores da área, tais como: Quais são os objetivos do ensino universitário? Qual é a finalidade da aula e do ensino? O que é Didática? Quais são as expectativas em relação à Didática? O que a Didática, em seus fundamentos teóricos e metodológicos, pode oferecer a docentes em formação? O que é Currículo? O Currículo é o que se deve ensinar e aprender? Como você compreende a relação entre o Currículo e a Didática? Nossa intenção era mapear os conhecimentos prévios da turma a respeito da Didática, bem como conhecer suas expectativas para a disciplina.

Organizados em duplas, os doutorandos discutiram possíveis respostas para essas questões e utilizaram diferentes recursos para expressar suas compreensões. De modo geral, as respostas demonstraram um trânsito entre uma percepção mais instrumental de Didática e um interesse em aprofundar o estudo sobre a Didática Crítica. Como mediadora, ficamos bastante aliviada ao observar esse interesse, pois, além de a ementa da disciplina sinalizar essa concepção, nossa intenção era trabalhar com a Didática Crítica e suas dimensões.

Encerramos a aula inicial com registros e debates que revelaram as percepções dos doutorandos sobre Didática e possíveis caminhos para a organização da disciplina. No segundo encontro, apresentamos um planejamento preliminar para discussão, que incorporava, em grande parte, os interesses identificados no encontro anterior.

Assim, com base nas discussões realizadas, estruturamos a disciplina em duas partes principais: a primeira abordou discussões conceituais introdutórias sobre Pedagogia, Currículo, Didática e Ensino Universitário; a segunda promoveu diálogos entre a Didática Crítica e a EF.

O planejamento, que envolveu a organização dos conteúdos, a seleção de conhecimentos e os critérios de avaliação, foi submetido à apreciação da turma. Após as deliberações, realizamos mais quatorze encontros, cujas reflexões detalharemos a seguir. Cada encontro foi planejado com foco nas aprendizagens, priorizando

a construção de compreensões significativas. Em todas as aulas, a intencionalidade central era proporcionar aos doutorandos oportunidades para expandir seus entendimentos, valorizando a aprendizagem como um processo crítico e transformador.

Em todas as aulas, priorizamos a compreensão dos/as estudantes, concretizando a Didática Crítica como conceito-chave, sempre em diálogo com o campo do Currículo. Iniciamos a disciplina com uma paráfrase de Shirley Grundy (1987), citada por Pacheco (2001, p. 18), que questiona: responder “o que é Currículo?” é como responder “o que é futebol?”. Inspirados por essa lógica, provocamos a turma com uma indagação semelhante: “o que é Didática?” seria como responder “o que é futebol?”. Em ambos os casos, as respostas “dependem dos contextos em que se situam e das pessoas que neles intervêm” (Pacheco, 2001, p. 18).

Ressaltamos a importância dos papéis desempenhados por docentes e estudantes na formulação das respostas a essas questões. Com base nas reflexões iniciais, aprofundamos as discussões ao longo das semanas, compartilhando a visão de que os conceitos de Currículo e Didática estão intrinsecamente ligados aos sujeitos que os constroem no contexto da sala de aula. Incorporamos também a perspectiva de Sacristán (2000), que define o Currículo como um campo político, cultural e social, formado pela interseção de diversas práticas que impactam diretamente a ação pedagógica.

Essa concepção, especialmente no âmbito da ação ou do desenvolvimento curricular, aponta para “uma interdependência, e não uma sobreposição, entre o campo curricular e o campo didático, sendo este o objeto de estudo daquele, já que todo ato curricular, além de educativo, é também um ato didático” (Pacheco, 2001, p. 25).

Com base nesse entendimento, realizamos estudos interligados para explorar a Didática como mediação e investigar as “ondas críticas da Didática” (Pimenta, 2023). Em sala, trabalhamos as dimensões humana, técnica e política da Didática Crítica, levando

os doutorandos a vê-la como mediadora de aprendizagens, e não como simples técnica de ensino. Essa diferenciação se tornou central na disciplina. Discutimos os dilemas da formação docente, abordando a profissão, os agentes da formação e o papel dos discentes (Zabalza, 2004).

Após trinta horas de estudo sobre Didática, focamos na EF. O momento culminou em uma roda de conversa com dois autores da área. Antes do encontro, os doutorandos estudaram o texto e levantaram questões para os autores, conectando a Didática Crítica aos objetivos da formação de professores/as de EF.

Nos encontros seguintes, propusemos um exercício inédito: elaborar planejamentos com base nos princípios da DCME. As duplas analisaram programas de ensino e currículos de formação docente em EF, guiadas por questões como a centralidade do sujeito aprendente, o planejamento focado nas aprendizagens e a emancipação dos sujeitos.

Encerramos com um encontro de avaliação coletiva, que revelou avanços significativos nas compreensões dos doutorandos/as sobre a Didática. Esse momento final nos encheu de esperança, no sentido de «esperançar» de Freire (1992), indicando que os aprendizados contribuirão para novas perspectivas de ensino e formação docente.

3 Enfoque biográfico-narrativo: compartilhando memórias e saberes

Valemo-nos do enfoque biográfico-narrativo para orientar metodologicamente o estudo, em virtude do nosso interesse em investigar como cada um de nós — dois doutorandos e uma doutoranda — apreendeu as diferentes temáticas desenvolvidas ao longo da disciplina.

Essa perspectiva metodológica valoriza a subjetividade do pesquisador, permitindo explorar experiências pessoais e situá-las em um contexto mais amplo. Isso se torna especialmente relevante,

dado que o objetivo deste artigo é compreender o conceito da DMCE, tomando como base uma experiência pedagógica construída de forma conjunta pela docente com doutorandos no decorrer da disciplina.

O desejo coletivo de conhecer e compreender melhor uma temática relacionada à formação requer uma relação de confiança, que possibilite uma interação entre os sujeitos. Essa interação precisa colaborar tanto na formulação de indagações quanto nos processos de reflexão provocados pelas questões levantadas. Também precisa favorecer a construção de textos que, embora elaborados de maneira coletiva e colaborativa, expressem sentidos peculiares e próprios à vivência de cada indivíduo (Bolívar, 2002).

É importante considerar que o tema deste estudo envolve interações entre professores situados em diferentes condições de responsabilidades e interesses. O grupo inclui professores da Educação Básica em formação continuada, professores do Ensino Superior, docentes atuantes em outros contextos profissionais e a docente responsável pela mediação da disciplina.

Nesse sentido, o enfoque biográfico-narrativo oferece uma metodologia que parte da análise crítica de experiências pessoais para refletir sobre práticas sociais mais amplas. Trata-se de um método que pode ser aplicado tanto na investigação quanto na escrita. Durante o processo de pesquisa, recorreremos a elementos metodológicos da autobiografia e da autoetnografia para construir narrativas interpretativas que analisam e descrevem, de maneira sistemática, as experiências vivenciadas pelos sujeitos ao longo da disciplina.

Utilizamos diferentes dispositivos para registrar o processo formativo, como diários de anotações, *slides* das atividades solicitadas pela docente, além de vídeos e fotografias de dinâmicas realizadas durante as apresentações das atividades. O objetivo central foi reunir elementos para a produção de memoriais autobiográficos relacionados às experiências vividas na disciplina.

Escrever não é tarefa fácil, especialmente quando se trata de escrever sobre si mesmo e, mais especificamente, sobre o contexto de formação e atuação profissional. O desafio da escrita, neste caso, é construir uma narrativa que expresse nossas aprendizagens adquiridas ao longo da disciplina, relacionando-as com nosso processo de formação, nossa prática docente e nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao ancorar-nos nessa abordagem, buscamos compreender modos de “ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências” (Souza; Meireles, 2018, p. 285). Utilizamos as narrativas autobiográficas, especialmente as “escritas de si” (Passeggi *et al.*, 2011), como práticas de formação docente e método de pesquisa.

Nosso objetivo não é buscar uma “verdade” nas experiências, mas refletir como os sujeitos constroem uma consciência histórica de si e de suas aprendizagens por meio de uma narrativa que desperte a compreensão sobre uma trajetória específica.

4 Memórias de formação/narrativas: registros e reflexões críticas sobre as experiências vividas pelos/as doutorandos/as

Neste tópico, apresentamos três registros e reflexões baseados na trajetória teórico-metodológica e pedagógica construída ao longo da disciplina “Didática do Ensino Superior: diálogos com a Educação Física”. Nosso objetivo é identificar de que maneira essa experiência formativa contribuiu para ampliar e aprofundar a compreensão dos conceitos e pressupostos da Didática crítica por cada um/a de nós.

4.1 Inacabamento, Diálogo e Emancipação: a Didática na perspectiva crítica

Ao longo do meu percurso acadêmico, profissional e pessoal, já compreendia que a Didática vai muito além de técnicas de ensino

de quaisquer saberes a quaisquer estudantes. No entanto, o que trouxe uma nova marca significativa na disciplina foi a possibilidade de aprofundar reflexões a partir de um posicionamento crítico e contemporâneo. Esse enfoque permitiu não apenas debater a Didática no contexto do ES, mas também compreender suas interconexões com o currículo, a formação e o trabalho docente na EF.

Embora o foco da disciplina estivesse nas relações de ensino-aprendizagem no ES, minha experiência como professora de EF atuante na Educação Básica por mais de 20 anos, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, suscitou reflexões sobre como essas questões dialogam com o contexto da EF escolar.

Essas reflexões nos convidam a enxergar a Didática como uma oportunidade para explorar caminhos pouco trilhados pela área e diferentes maneiras de conceber as relações ensino-aprendizagem, docente-discente, saberes científicos-empíricos, saber-fazer e os processos formativos no/do ES.

Os diversos dispositivos utilizados pela professora objetivaram aprofundar nossa compreensão sobre as concepções da Didática em diálogo com a EF, propondo, dentre outros aspectos, sua identificação como um campo de conhecimento multirreferenciado e de caráter teórico-prático. A diversidade teórica sobre as concepções de Didática demonstrou a riqueza e a complexidade de suas posturas ideológicas e epistemológicas.

Entre os pontos que merecem destaque, a condução das aulas pela professora mostrou-se marcante. Suas gestualidades e modos de mediar o conhecimento possibilitaram romper com a relação verticalizada e autoritária típica do meio acadêmico. Isso se deve, certamente, à compreensão de que o ato didático-pedagógico vai além da aula, abrangendo as condições de vida e formação dos discentes.

As atividades transcorreram de modo a despertar nossa curiosidade e interpretações sobre didática, formação e ensino-

aprendizagem, promovendo o florescimento da criatividade, criticidade e autonomia na produção e apropriação do conhecimento. Os saberes mobilizados em aula com os sujeitos não eram apresentados como algo acabado, estático ou afastado da nossa realidade existencial e profissional. Ao contrário, eram constantemente contextualizados e reconstruídos.

Ficou evidente que a Didática não é sinônimo de método de ensino nem um instrumento prescritivo que nega as possibilidades de criação, os sujeitos e os contextos nos quais ela acontece. As reflexões nas aulas mostraram que é possível adotar práticas pedagógicas com “pressupostos epistemológicos rupturantes com a racionalidade dominante” (Cunha, 2006, p. 488). Assim, entendemos a Didática como um ato criativo, ousado e provocativo, voltado à emancipação dos sujeitos.

À medida que avançávamos nos estudos, percebemos que nossas ações pedagógicas precisam colocar o acento na aprendizagem e não apenas no ensino. Os estudos sobre os conceitos estruturantes, as ancoragens teórico-metodológicas e os princípios didáticos sobre a práxis docente da Didática crítica abriram caminhos pouco explorados pela EF.

Assim, na contramão de uma Didática instrumental, fomos desafiadas a adotar os pressupostos do DMCE e a utilizarmos dispositivos conceituais e práticos que promovessem ações que destacassem a mediação didática, a criticidade, a reflexividade, a dialética, a emancipação e a autonomia na construção do conhecimento.

A realização da atividade em duplas, na segunda parte da disciplina, proporcionou tensionamentos e negociações, tanto relacionadas a “como dar aula” quanto à escolha dos caminhos que seguiríamos. Pensar o processo educativo pautado em uma Didática fora do campo da prescrição, ressignificar o ato pedagógico no/do ES e conjecturar sobre como poderíamos enfrentar as situações cotidianas foi um desafio, sobretudo porque, de modo geral, nossas

compreensões ainda estão ancoradas em perspectivas tradicionais de Didática e em abordagens instrumentais de formação.

Reelaborar um programa de ensino de forma a colocar o acento nas aprendizagens, no ensino a partir da pergunta e da pesquisa, na integração de diferentes dimensões do desenvolvimento humano, na emancipação crítica dos estudantes, na contextualização do processo ensino-aprendizagem, na participação ativa e colaborativa dos estudantes, na avaliação formativa, processual e democrática, bem como na promoção de valores éticos-estéticos e na responsabilidade social, requer um profundo repensar do ato didático-pedagógico. Isso exige uma constante reavaliação da intencionalidade do processo de ensino-aprendizagem e uma abertura para dispositivos que valorizem a construção coletiva do conhecimento.

Caminhando para o final, inferimos que a disciplina “Didática no Ensino Superior: diálogos com a Educação Física” contribuiu para ampliar nosso conhecimento sobre a temática. Nesse processo, destacamos o que foi mais significativo e potente. As portas que se abriram nos permitiram explorar outros caminhos em busca de uma ação didático-pedagógica ancorada nos princípios e nos conceitos estruturantes da DMCE. As reflexões aqui entretecidas são o fruto do que a disciplina nos ensinou. Isso é o que nos alegra montão.

4.2 “O ser humano é mais importante por ser o mais incompleto. Não sabe o sentido da vida e não sabe nada” (Manoel de Barros – *Livro sobre Nada*).

Sou professor de EF, licenciado desde 2017, com experiências na Educação Básica, no ensino profissionalizante e no ES. Atualmente, atuo como professor substituto no ES e curso o doutorado na mesma instituição. Apesar de minha trajetória, continuo aprendendo e buscando aperfeiçoar minha prática docente com coerência, boniteza e “pensar certo” (Freire, 2014).

A disciplina “Didática no Ensino Superior: diálogos com a Educação Física” foi um acordar abrupto, semelhante a um despertador que, embora inicialmente desconfortável, é indispensável para o despertar necessário. Um estranhamento significativo, pois abriu portas para inúmeras outras possibilidades até então desconhecidas por mim.

Minha participação nos encontros foi como um divisor de águas, considerando os debates difíceis, do ponto de vista teórico. A cada encontro, especialmente nas intervenções da professora mediadora, aprendia algo novo, mesmo quando o assunto já havia sido previamente lido ou discutido, como no caso da aula na escola e na universidade.

Durante a disciplina, estudamos a Didática para além de sua concepção tradicional, com destaque para as possibilidades de abordá-la a partir de uma perspectiva crítica. Utilizo o verbo “estudar” porque me recorro claramente da orientação da professora, que nos incentivava a estudar os textos indicados, em vez de apenas lê-los. Essa orientação valorizava nossa participação, estimulando nossa presença ativa e integral nas discussões em sala, além de despertar uma curiosidade epistemológica (Freire, 2014) diante dos conhecimentos apresentados.

A escolha teórico-metodológica da professora para sustentar as organizações e reflexões críticas na disciplina foi, principalmente, os conceitos estruturantes da DMCE (Pimenta, 2023). Desde a primeira aula, a professora sempre lançava uma questão-problema. As perguntas estimulavam nossa participação e nos faziam apresentar nosso olhar sobre o problema, não para resolvê-lo, mas para refletir sobre ele.

Do mosaico de aprendizagens, destaco uma experiência de trabalho em grupo que realizamos. Após lermos e discutirmos sobre a Didática, tanto em suas concepções tradicionais quanto na perspectiva da Didática Crítica, a professora nos propôs uma atividade em grupo. O desafio consistia em elaborar um planejamento a partir dos programas de disciplinas de um currículo.

Meu grupo era composto por três pessoas. Um dos colegas, além de estudante da disciplina, já acumulava quase trinta anos de experiência como professor universitário. Sua trajetória como pesquisador e educador nos proporcionou diálogos profundos, inúmeras ideias para as aulas e várias idas e vindas por entre autores que se conectavam com os textos propostos. Juntos, organizamos um cronograma de estudos e estruturamos um esquema para a apresentação.

Lembro-me de que, enquanto estudava o texto, percebia como a estratégia da professora para uma docência fundamentada no “ensinar com pesquisa” e no desenvolvimento das aulas por meio de “diálogos críticos” estava fortemente presente em sua prática. Essa coerência entre o que ela ensinava e como o fazia me impressionou e me deixou entusiasmado. Afinal, ela não apenas discutia um conhecimento didático-pedagógico, mas o materializava em sua própria prática pedagógica.

Minha participação na disciplina foi produtiva, tanto para minha formação docente quanto para minha formação continuada, considerando meu desejo de me tornar professor universitário. As provocações dos textos, as mediações da professora e os debates me fizeram perceber que ainda carregamos traços de uma Didática instrumentalizada. Continuamos com práticas individualistas e socializamos conhecimentos sem promover mudanças significativas.

Portanto, pensar e estudar a Didática é uma necessidade concreta que precisa ser direcionada de maneira crítica e reflexiva para as ações e percepções do professor em sua prática educativa, seja na Educação Básica ou no ES. Isso estimula uma autorreflexão sobre si mesmo e sobre suas ações pessoais, pedagógicas e institucionais.

Com base nas vivências e leituras da disciplina, acredito que a Didática se configura como um campo de conhecimento que reflete sobre o ensino e a aprendizagem na realidade concreta do

professor, considerando-o como sujeito que interpreta o currículo — inseparável da Didática — e como mediador dos conteúdos.

Dito isso, nos processos de uma Didática crítica, é essencial explorar e descobrir, colocando os alunos em contato com os temas propostos sem descrever formalmente todos os objetivos. Precisamos oferecer pistas para um pensar sistematizado e consciente, que se apresenta como representações e disposições dos saberes disponíveis. Sobretudo, é necessário valorizar o diálogo e a vivência em aula, transformando-a em um espaço de reelaboração e ressignificação. Esse movimento, amplamente discutido na literatura estudada, foi também uma prática constante nas aulas da professora responsável pela disciplina.

Por fim, aprendi a partir do que tinha, pensava e era. Hoje, sou um outro sujeito, pois minha fala, ainda que inicialmente permeada por uma visão instrumentalizada da Didática, foi acolhida e levada à reflexão. Com orientações coerentes, repensei minha prática e minha forma de construí-la, a partir de novas perspectivas. A disciplina foi uma porta que me abriu muitas outras.

4.3 Da boniteza de aprender a ensinar quando já se é professor: Cores, sons, odores, sabores, tatos, sentimentos e sensações da docência

Sou professor na mesma instituição da professora responsável pela disciplina, atuando principalmente no curso de licenciatura em EF, há mais de 27 anos. Também sou aluno do curso de doutorado e, além de ser orientando da professora mediadora, já havia cursado anteriormente a disciplina “Docência no Ensino Superior” (disciplina obrigatória do curso), ministrada pela mesma professora.

Inicialmente, a ideia de cursar a disciplina surgiu pela necessidade de cumprir os créditos exigidos pelo PPGEF para o curso de doutorado. Devido à disciplina ser pensada e ministrada pela referida professora, havia de minha parte a expectativa de aproveitar as problematizações realizadas em minha tese, que trata

da docência no ES, além de aprender algo que pudesse aprimorar ou melhorar meu trabalho docente. Isso, porque, após tantos anos atuando em uma mesma instituição, acabamos cristalizando nosso modo de ser professor, já percebendo nosso processo formativo um tanto saturado e fechado a outras possibilidades de repensar a docência universitária.

Ao longo de 16 semanas, estar em um determinado dia, por 4 horas, com mais 10 colegas e com a docente para tratar da Didática no ES no âmbito da EF, foi uma tarefa que exigiu de mim abertura ao diálogo, paciência e compreensão para escutar as outras pessoas e tentar entendê-las a partir de suas histórias, seus contextos e seus lugares. Era um coletivo bem diverso, com professores que atuam em diversos segmentos da área e da Educação.

Além disso, a maioria havia expressado o desejo de atuar como docentes no ES. Para mim, que já atuo há mais de duas décadas no ES — inclusive tendo sido professor de algumas dessas pessoas —, e que agora me encontro na situação de aluno, não era tarefa tão fácil, pois eu poderia perceber o desenvolvimento da disciplina como algo no plano do “já sabido”. Contudo, essa diversidade e essas diferenças entre nós, em vez de configurarem um obstáculo, começaram a ser um elemento potencial para estudar e aprender uns com os outros.

No desenvolvimento da disciplina, fui percebendo logo de início uma proposta que valorizava uma postura colaborativa, pautada numa perspectiva dialógica e dialética. Este se configurou, então, no primeiro ponto de inflexão acerca do modo como eu imaginei — com certo preconceito — a realização da disciplina. Ou seja, eu havia pensado que seria uma disciplina importante para mim, mas que seria praticamente uma formalidade para cumprir os trâmites acadêmico-burocráticos exigidos pelo doutorado. Para mim, foi vital entender que a proposta da disciplina não redundaria em mais um compilado de conceitos, textos e autores que, ao fim e ao cabo, se constituiria em um mero discurso — no caso, sobre Didática no ES no âmbito da EF — que acabaríamos aprendendo e, de forma reducionista, creríamos que deveríamos aplicar.

A disciplina foi pulsando, revelando uma vivacidade, permitindo-nos entender as questões da Didática, do ES e da EF em uma complexidade e multiplicidade de elementos, fatores, saberes e fazeres. Nesse sentido, fui percebendo a necessidade de me visitar como docente. Estava sendo provocado pelas interações da disciplina a (re)pensar meu lugar, meu papel, meu ser e estar, meu agir como professor.

Não sou resistente a realizar autocrítica em relação ao meu trabalho, nem a receber críticas sobre ele. Claro que sempre há um incômodo, pois pensar sobre si mesmo ou pensar sobre o que os outros percebem do nosso trabalho gera um esforço de compreensão e revisão da prática pedagógica.

No caso específico da disciplina, estava feliz com essas possibilidades, tanto pelo que vivíamos no coletivo da disciplina como também pelo trabalho que foi se desenhando entre a docente e nós, orientandos, que decidimos ir para além da disciplina compartilhar nossas compreensões, reflexões e, enfim, narrar o que cada um havia vivido ao longo da disciplina.

Assim, fui percebendo e construindo um itinerário formativo que chamei de “da boniteza de aprender a ensinar quando já se é professor: cores, sons, odores, sabores, tato, sentimentos e sensações da docência”. A diversidade das pessoas, a proximidade, os momentos de encontro no café, o sentir-se abraçado no debate, o diálogo, as contradições, as dúvidas, as descobertas, a fraternidade... Esses foram elementos essenciais para, mesmo sabendo-me docente há muito tempo, entender a necessidade de me dispor continuamente a aprender e a ensinar.

Ao tratarmos a Didática no ES, dando ênfase à Didática Crítica Multidimensional Emancipatória, avançamos na compreensão da relação interdependente entre Currículo e Didática, bem como no entendimento mais amplo e aprofundado do processo de ensino-aprendizagem, no qual a aprendizagem ganha protagonismo.

Considerações coletivas

Ao longo da disciplina e após seu término, o trabalho do grupo — autores deste texto —, em relação ao estudo de nossas experiências, revelou que uma das principais contribuições de rememorar nossa atuação no âmbito educacional está na possibilidade de recuperar, narrativamente, as múltiplas experiências formativas que moldam os itinerários de vida de um docente. Nesse sentido, as reflexões apresentadas foram essenciais para compreendermos que outros caminhos “didáticos” são possíveis.

O trabalho desenvolvido na disciplina tinha como intenção central problematizar os processos de ensino e aprendizagem no Ensino Superior, adotando como referência a perspectiva da Didática Crítica e seus fundamentos teórico-didáticos, em diálogo com o campo da Educação Física. Além disso, buscou ampliar a compreensão de que a Didática adquire maior significado no trabalho docente quando é concebida a partir da perspectiva da aprendizagem. Em ambas as intenções, os objetivos foram alcançados, provocando uma desestabilização nas estruturas formativas tradicionais dos estudantes.

Com base nos conhecimentos mobilizados e ampliados ao longo da disciplina, concluímos que diferentes práticas educativas poderão ser concebidas e implementadas por esses estudantes em suas futuras atuações profissionais.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Processos formativos de docentes universitários: Aspectos teóricos e práticos.

In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel (orgs.).

Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 44-74.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 12 n. 3, p. 182-186, set./dez. 2008.

CUNHA, Maria Isabel da. O campo da iniciação à docência universitária como um desafio. *In: Anais da Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, 33., 2010,. Goiânia: ANPED, 2010. p. 1-17.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

NASCIMENTO, Sylvia; FIGUEIREDO, Zenólia. Professores em início de carreira no magistério superior: narrativas sobre a docência no curso de Educação Física. **Revista Docência no Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 13, e041549, 2023.

PACHECO, José Augusto. **Currículo**: teoria e práxis. Porto: Porto Editora, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. As ondas críticas da didática em movimento: resistências ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal (excertos ao original publicado em 2019). *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs.). **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

SACRISTÁN, Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SOARES, Sandra Regina; CUNHA, Maria Isabel. **Formação do professor**: a docência universitária em busca de legitimidade [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: dia mês ano.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 282–303, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4750>. Acesso em: 18 dez. 2024.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonismos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.